



**Apresentação do dossiê
Educação, Comunicação e Tecnologias: mecanismos de resistência ao capitalismo de plataforma e outros tecnocentrismos**

Presentación del dossier

Educación, Comunicación y Tecnologías: mecanismos de resistencia al capitalismo de plataformas y otros tecnocentrismos

Leonardo Zenha

Universidade Federal do Para (UFPA)

Altamira/Belém-Brasil

Adda Daniela Lima Figueiredo Echalar

Universidade Federal de Goiás(UFG)

Goiânia-GO-Brasil

Daniel de Queiroz Lopes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul(UFRGS)

Porto Alegre-RS-Brasil

O Grupo de Trabalho “Educação e Comunicação”, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (GT 16 da ANPEd), completa em 2025, 35 anos de sua criação. Esse GT tem em seu histórico inicial um processo de pesquisas envolvendo duas grandes fontes: meios de comunicação e análise de imagens, isso ainda na década de 1990, ano de sua criação dentro da associação.

As transformações das tecnologias digitais impactam as bases estruturais, sociais, econômicas, culturais, políticas e educacionais na dinâmica social. Em função da intencionalidade mercadológica, essas mudanças estão cada vez mais rápidas, dinâmicas e efêmeras, o que potencializa formas de sociabilidade diversas em diferentes áreas. As distintas frentes de pesquisa do grupo são colocadas como ponto de partida de uma proposta de pensar, na contemporaneidade, os nexos causais entre Educação, Comunicação e Tecnologias, bem como de evidenciar mecanismos de resistência ao capitalismo de plataforma e outros tecnocentrismos.

Educação, Comunicação e Tecnologias: mecanismos de resistência ao capitalismo de plataforma e outros tecnocentrismos

A visão ingênua e otimista que predominou no início do século, focando nas potencialidades e possibilidades das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), tem perdido espaço para as preocupações com as investidas das *big techs*, seus algoritmos e vigilância, no capitalismo de plataforma e, principalmente, na soberania nacional. O domínio quase totalitário de grandes corporações explicitou as contradições da realidade na sociedade do capital.

Discussões sobre inteligência artificial, as máquinas de fake news, a platformização da vida, o capitalismo de plataforma e o colonialismo de dados ampliam a preocupação de uma formação crítica/ativa/propositiva e criativa das novas gerações e das instituições sobre os processos educacionais. Mesmo com todas as questões perversas, ainda presenciamos formas inventivas e de resistência ao fetiche pelas tecnologias digitais, na busca pela garantia de um direito social.

No dossiê em tela, os pesquisadores e pesquisadoras nos permitirão desvelar o tecnocentrismo, por diminuir a opacidade da realidade imposta pela lógica neoliberal, identificando os fetiches criados e as relações de força e poder que articulam o viver em sociedade, por meio de seus processos comunicacionais e educativos. Enfim, é na compreensão dos processos no qual as coisas estão conectadas que reside o poder de intervenção. O dossiê possui um movimento de apresentar discussões e problematizações conceituais, seguido por um bloco intermediário de artigos sobre as inteligências artificiais e, por fim, fechamos o dossiê discutindo práticas pedagógicas e um artigo que, por meio de narrativas, mistura diarismo, memórias e mídias digitais

Abrimos o dossiê com o artigo intitulado “**Comunicação e educação no atual cenário sócio-técnico-político: desafios interseccionais no trabalho com coletivos subalternizados**”, de autoria de Raquel da Silva Lopes, Leonardo Zenha, Cristiane Ribeiro Barbosa da Silva e Magdalena Doyle, em uma reflexão entre instituições do Pará e da Universidad Nacional de Córdoba (UNC) / CONICET, Córdoba – Argentina. A partir da ótica comunicacional emancipatória com povos subalternizados no Sul Global, o artigo se debruça sobre os desafios interseccionais no trabalho educativo, evidenciando o potencial transgressor de intervenções didático-pedagógicas, que, apesar de sua atuação em microescala, possuem impactos positivos no fortalecimento dos coletivos envolvidos. Em conclusão, os autores

defendem inflexões pedagógicas, sociotécnicas e políticas que, ao dialogar com questões culturais, buscam tensionar e abrir fissuras na colonialidade global .

Karine Joulie Martins (UFRJ), em seu artigo “**Políticas e planos nacionais de educação digital na América Latina: um olhar sobre a formação docente**”, propõe-se a discutir a inclusão digital e a educação para o uso crítico e criativo das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), como um direito fundamental para o exercício da cidadania no mundo contemporâneo. Orientado por uma abordagem decolonial, tem como objetivo analisar políticas públicas de educação digital na Argentina, no Chile e no Uruguai, buscando identificar transformações, influências e tendências formativas. A autora afirma que a dependência de dispositivos e serviços de *big techs* na educação contribui para a renovação do projeto colonial, impactando a produção autônoma de e com as tecnologias para enfrentar a exclusão digital em sua complexidade.

Em um estudo teórico e conceitual, Marcos Antonio Alves Filho (Rede goiana de ensino) e Adda Daniela Lima Figueiredo Echalar (UFG) problematizam “**As finalidades educativas e ideológicas que orientam a inovação educacional no Brasil**”. Os autores sistematizam as relações entre as finalidades escolares, as ideologias, os ideários pedagógicos e seus elos com a inovação no âmbito escolar. Ao tratarem a contemporaneidade, asseveram que há uma profunda relação entre a inserção de tecnologias nos processos educativos por meio de suas bases pedagógicas neoprodutivistas, que reforçam a lógica neoliberal de educação. Como consequência, há responsabilização do indivíduo em sua capacidade de empregabilidade, culpabilizando o estudante e/ou professores pela incapacidade dos empregadores capitalistas em absorver a mão de obra disponível nesta sociedade.

O quarto artigo deste dossier, intitulado “**A perspectiva hacker na pesquisa em educação e comunicação**”, de Andrea Lapa (UFSC) e Nelson De Luca Pretto (UFBA), busca uma quebra de paradigma da pesquisa no campo da educação e comunicação a partir da ética hacker articulada aos princípios da educação em direitos humanos. Com inspiração na postura de intelectual público, engajado e comprometido com seu contexto social, defende-se a proposta da pesquisa-ação participativa e também ativista que visa à transformação social dos envolvidos durante a sua realização e requer um deslocamento do foco da pesquisa para lugares negligenciados. A partir de experiência prévia em um projeto de

Educação, Comunicação e Tecnologias: mecanismos de resistência ao capitalismo de plataforma e outros tecnocentrismos

pesquisa e do diálogo com as vozes dos envolvidos, desenvolve-se uma análise reflexiva sobre algumas tensões de tal proposta, como: o trabalho colaborativo na pesquisa, a parceria universidade e escola, formação de comunidades de prática e o engajamento social do pesquisador.

Abrindo as discussões sobre as inteligências artificiais, o quinto artigo, intitulado “**Inteligência artificial e educação: o fetiche tecnológico em questão**”, das pesquisadoras goianas Joana Peixoto (IFG – Campus Goiânia) e Natalia Carvalhaes de Oliveira (IF Goiano – Campus Trindade), analisa as relações entre inteligência artificial e educação, que, ao não serem neutras, reproduzem as desigualdades da sociedade do capital, por meio da exploração do trabalho e a alienação. As autoras propõem uma apropriação crítica e contra-hegemônica, vinculada aos interesses dos trabalhadores.

Mônica Fantin (UFSC), em seu artigo “**Comunicação e inteligência artificial na educação midiática: novos desafios e velhos métodos?**”, dedica-se a refletir sobre questões como a desinformação, a Inteligência Artificial Generativa e a autoria na perspectiva da Mídia-Educação. Como afirma em seu resumo, a autora busca “outras referências para entender os novos desafios da educação midiática e suas dimensões críticas, éticas e estéticas, que emergem do âmbito da sociomaterialidade e sinalizam a necessidade de novas agendas”.

O sétimo artigo “**Inteligência artificial generativa e degenerativa: anúncios e denúncias do impacto deste dispositivo nos processos formativos**”, de autoria das professoras Lucila Pesce (UNIFESP), Ana Maria Di Grado Hessel (PUC SP) e Adriana Rocha Bruno (UNIRIO), desenvolve um ensaio sobre o cenário sociotécnico (Manovich, 2001) ocupado pela ascensão da inteligência artificial generativa (IAGen), que possui movimentos favoráveis ou contrários à formação. Nesse contexto, as autoras discorrem sobre o potencial da IAGen para o aprendizado, pela possibilidade de torná-lo mais adequado a diferentes estilos e ritmos, bem como fazem tensionados quanto às questões éticas: algoritmos e bolhas, *deep fake*, direitos autorais, terceirização da escrita etc.

Daniel de Queiroz Lopes (PPGIE/CINTED, UFRGS) e suas parceiras da Universidad de La República Uruguay, as pesquisadoras Mariana Porta, Maria Viola e Regina Motz, nos provocam a refletir sobre a “**Cibersociedade e educação em tempos de controle algorítmico: uma perspectiva crítica a partir do resgate da ideia de participação**”. O ensaio

problematiza a participação como uma categoria de análise para pensar o tema da inclusão e da qualidade das interações, no contexto da cibercultura, como um fenômeno tecnocientífico e um movimento social. Nesse contexto, a cena sociotécnica, na perspectiva da cognição enativa e das aprendizagens entre humanos e máquinas, é problematizada ao se discutir a produção de conhecimentos e práticas ciberculturais engajadas com demandas institucionais locais.

No bojo das discussões sobre o controle algorítmico, os pesquisadores da UFG, Daniela da Costa Britto Pereira Lima, Luiz Fernando Gonçalves da Silva Araújo e Luciano Toledo Forte, buscam problematizar as “**Plataformas privadas como mecanismo do capitalismo de vigilância: análise dos servidores de e-mail em universidades e institutos federais do Brasil**”, no nono artigo deste dossier. O estudo empreendido pelos autores, por meio de análise bibliográfica e documental com dados do Observatório Educação Vigiada, nos revela um cenário preocupante de dependência tecnológica de plataformas privadas do Google e da Microsoft. São tecidas amarrações entre dados do uso de servidores das *big techs* e suas implicações no contexto do capitalismo de vigilância. Os autores evidenciam riscos à soberania digital dessas instituições, preservando o espaço autônomo e democrático de produção de conhecimento.

O décimo artigo, “**Profuturo nas escolas estaduais de Sergipe e suas implicações nas práticas pedagógicas com crianças**”, é um estudo de pesquisadoras de Sergipe (UFS), Camila Gomes Santos da Silva, Simone Lucena e Sandra Virginia Correia de Andrade Santos. As autoras discutem o programa ProFuturo na rede estadual de ensino, em Sergipe, e suas implicações nas práticas pedagógicas com crianças. Fundamentado nos estudos da multirreferencialidade e apoiados na pesquisa-formação junto a professores e alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de escola estadual em Sergipe, fez-se uma análise das políticas públicas de implantação das tecnologias digitais e o desenvolvimento de práticas abertas, interativas, colaborativas e autorais. A pesquisa revela uma limitada interação e autonomia docente nos processos de planejamento, mediação e produção de conhecimentos para com seus educandos na plataforma do projeto, limitando a criatividade e a inventividade das crianças em seus processos interativos, colaborativos e autorais.

Fechando o dossier, o décimo primeiro artigo é da pesquisadora Edméa Santos e está intitulado “**De um ‘Calcinha Larga’ à Flip de Paraty: meu encontro com a Nobel de**

Educação, Comunicação e Tecnologias: mecanismos de resistência ao capitalismo de plataforma e outros tecnocentrismos

Literatura Annie Ernaux". A pesquisadora faz uma "hiperescrevivência", escrita de si na cibercultura, multirreferencial e conectada aos cotidianos. A partir de experiências em diferentes *espaçostempos*, explora-se a relação *cidadeciberspaço* com narrativas que misturam diarismo, memórias e mídias digitais. A escrita científica assume forma hipertextual, permitindo acesso a redes sociais, podcasts, vídeos e narrativas diversas. Conclui-se que aprendemos em rede, conectando territórios físicos e digitais. O conhecimento na cibercultura emerge das interações entre humanos e tecnologias, questionando os limites da educação formal e valorizando a escrita autobiográfica com densidade acadêmica.

O dossiê se coloca a provocar toda comunidade científica para os processos de inserção tecnológica na sociedade e seus impactos nos processos comunicacionais para a formação, trabalho e vida em sociedade. O que antes poderia ser colocado como fronteiras entre o virtual e o presencial, hoje cada vez mais se estreita e, a depender do contexto social, se funde. As diferentes intensidades de uso e apropriações das tecnologias na sociedade, em todas as esferas, revela exclusões e, ao mesmo tempo, penetrabilidade das tecnologias digitais nas estruturas da comunicação e da educação em sociedade. As contradições desses processos da vida social foram e ainda precisam ser investigadas de modo a nos permitir compreender efetivamente a realidade.

Organizadores

Leonardo Zenha

Professor Dedicação Exclusiva na Universidade Federal do Pará. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e Culturas Inclusivas (PPGECI), do Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica (PPEB) e do Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC) da Universidade Federal do Pará. Desenvolve trabalhos no campo do ensino, pesquisa e extensão nas áreas de educação e comunicação. Vice Coordenador do GT 16 - Educação e Comunicação da ANPED.

Email:Leozenza@ufpa.br

Orcid:<https://orcid.org/0000-0003-2474-8112>

Adda Daniela Lima Figueiredo Echalar

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), na linha de pesquisa de Teorias da Educação e Processos Pedagógicos. Mestre em Biologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Cursou especialização em Formação de Professores,

com foco em Educação Ambiental, na PUC Goiás. Licenciada e bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Católica de Goiás (UCG). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM UFG), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE UFG) e do Departamento de Educação em Ciências do Instituto de Ciências Biológicas (DEC ICB) - UFG. Vice-coordenadora do PPGECM UFG (out. 2024 - set. 2026). Líder do grupo de pesquisa KADJÓT (Grupo interinstitucional de estudos e pesquisas sobre as relações entre as Tecnologias e a Educação). Coordena o Laboratório de Pesquisa e Ensino de Ciências (LAPENCI) e o GT 16 Educação e Comunicação da ANPEd (2024-2025). Email:adda.daniela@ufg.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3026-8860>

Daniel de Queiroz Lopes

Doutor em Informática na Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGIE/CINTED/UFRGS). Professor Adjunto da Faculdade de Educação (FACED/UFRGS) e professor-pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação (PPGIE/CINTED/UFRGS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: daniel.lopes@ufrgs.br
Orcid:<https://orcid.org/0000-0002-0560-0385>

Recebido em: 09/09/2025

Aceito para publicação em: 22/09/2025